

Cinema Poe empareada Poe

Por Hique Montanari*

O grande apaixonado pela obra de Edgar Allan Poe no cinema é o homem dos baixos orçamentos (deveria dar um Workshop no Brasil), Roger Corman. Já com o seu mercado exibidor garantido, Corman, na maior parte das vezes, produz visando direto o Homevideo. O que o atrai nos contos de Poe é a viabilidade comercial do gênero terror. Então, sob esta ótica, os fantasmas, as lâminas, a fobia, a obsessão e os delírios de Poe nos são apresentados: nas adaptações de Corman (O SOLAR MALDITO, A MANSÃO DO TERROR, A ORGIA DA MORTE, etc.) o que poderia ser algo supra qualquer coisa nos contos, corporifica-se em atores maquiados como defuntos que apavoram suas vítimas.

Um conto de Poe com irresistível convite à adaptação é OS CRIMES DA RUA MORGUE. É a história de um crime ignóbil que não tem solução ou explicação aparente. O dom do escritor desenvolve-se entre os corpos mutilados e esquartejados de mãe e filha. Além desta atrocidade, o que há de interessante no conto é o depoimento de vários personagens que contribuem para excitar ainda mais o leitor. Junto com o enigma de como o(s) provável(eis) assassino(s) teria (m) entrado e saído da casa sem deixar vestígios (o que até parece um crime cometido sob intervenção divina), as testemunhas se contradizem entre si, dificultando a resolução. No filme, adaptado a partir do conto, as testemunhas perdem-se em dois ou três personagens que dão um parecer sem importância, como se quase fossem desvinculados da história. O filme já sai perdendo 50% da essência de Poe.

O POÇO E O PÊNDULO, com direção de Stuart Gordon e roteiro de Dennis Paolli, está mais para uma alegoria do que para uma adaptação do conto homônimo. A história de Poe possui um número de páginas suficientes para a realização de um curta-metragem, no mínimo, autêntico como é o conto. Mas ele foi desenvolvido para ser um longa, o que daria umas 120 páginas aproximadamente. 120 páginas de uma outra história. No original, temos o drama de um personagem que está sendo torturado pela

inquisição espanhola. Fechado numa cela escura e claustrofóbica, ele vai, aos poucos, tomando consciência dos perigos que o aguardam: o poço, no centro da cela, e o pêndulo de lâmina afiada que vem lentamente, descendo na sua direção. A divagação do personagem sobre questões relacionadas à dor e ao sofrimento chegam ao ponto dele preferir morrer naquele momento, ao invés de passar por torturas piores depois. A adaptação de Paolli aproveita como elementos O POÇO E O PÊNDULO, literalmente e nos seus aspectos mais óbvios. Fora isto, o restante da atmosfera do conto é mera circunstância. Dentro da necessidade de criar um longa-metragem, o roteirista acrescentou histórias anteriores ao tempo do conto, tecendo uma trama que envolve um casal com a Santa Inquisição. No final do filme, temos o marido sendo torturado, no típico estilo Indiana Aventura Jones. O que serviu de inspiração à adaptação foram somente as duas formas de tortura. Deixou-se de lado o que talvez tenha movido Poe a escrever o conto e que, com certeza, amplia-se além da questão do POÇO E O PÊNDULO como formas de tortura.

Como se roteirizou um filme, partindo-se de um conto, que mantém quase nada deste original (uma obra primorosa da literatura), poderia-se ter criado um longa que mantivesse a complexidade da história: a escuridão e o mofo da cela, o abismo absoluto do poço e a lâmina do pêndulo que, arbitrariamente; romperia com a vida e a criação. O que talvez tenha alimentado a velha discussão Cinema X Literatura X Cinema seja justamente este tipo de equívoco. Estilos & decisões.

Stanley Kubrick e Alfred Hitchcock já sabiam que é mais fácil fazer um filme de sucesso, partindo-se de uma obra insignificante da literatura, do que transformar um grande livro num filme clássico.

*Publicitário, Roteirista, Diretor de Vídeo e Aluno do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.